

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO

***Animais Artistas e
a Causa Animal.***



Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAALC/UFMS, 09/08/21

Edição:

Reflexões Vol.5, No.2, janeiro 2024 – *Animais Artistas?*

Periodicidade: quinzenal

Campo Grande - MS

Capa: Odin, corvo fêmea mantido na Tropical Butterfly House Wildlife Conservation Park, no Reino Unido. Imagem obtida da instituição tratada e recortada digitalmente.

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

Subornar ou “adaptar” animais a troco de comida, proteção, cuidados e até mesmo para procriação com fins comerciais é um hábito humano e, em alguns casos, perverso. Treiná-los para que realizem performances humanas, é mais complexo ainda. Em 1917, Franz Kafka, publica “*Um relatório para academia*”, texto literário no qual narra o processo de “humanização” de um macaco, simulando a visão do próprio símio.

Recomendo que leia o “relatório” completo, acesse:

<https://joaocamilloopenna.files.wordpress.com/2014/08/kafka-relatc3b3rio-para-uma-academia.pdf>

Provavelmente você irá perceber no texto Kafkiano, uma reflexão sobre o que é transformar um ser naquilo que ele não é. Antecipo o pedido de desculpas por não optar pela adulação e benevolência normalizada nesta Reflexão e que mantenha a mente aberta para esta leitura.

Odin, o corvo artista.

Recentemente a mídia divulgou notícias sobre um corvo que pinta e teve a péssima ideia de compará-lo a Jackson Pollock.

“Notícias sensacionalistas” deste tipo é recorrente, volta e meia surge algo que coloca em xeque o conceito de Arte, de artista e pior, neste caso, de animal. Nada contra os animais, eles merecem toda admiração e proteção, no entanto, forçar sua humanização é um desrespeito à sua natureza e identidade.

Os Pets, animais domesticados, foram convertidos, mercadologicamente, em “mini humanos”. A transição dos animais selvagens em domesticados para servir aos humanos, chegou ao estágio de sua reclusão em casas e apartamentos, onde lhes é dada uma “vida social” e cosmopolita tornando-os reféns de seus tutores em troca da compensação de carências e afetividades humanas.

Se é para “humanizar” e atribuir “sentimentos” aos animais, pode-se fazer uma reflexão inversa: como o ser humano “animal evoluído” se sentiria se submetido ao mesmo tratamento dados aos animais por ele escolhidos para serem domesticados ou convertidos em humanoides? Será que entenderiam, aceitariam e achariam “natural” serem convertidos em “animanoídes”, sob a tutela de animais?

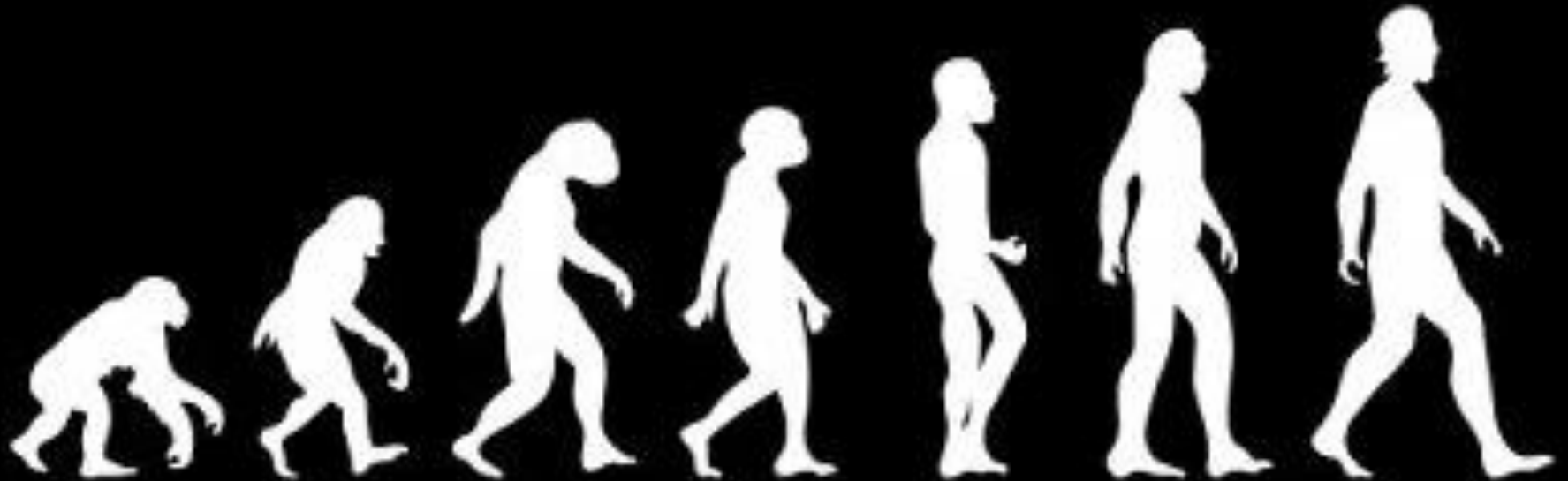
Como reflexão, vide o filme “*Planeta dos Macacos*”, 1968, dirigido por Franklin J. Schaffner. O filme é uma adaptação da obra de Pierre Boulle, de 1963. Conta a aventura de um astronauta cuja nave aterriza num planeta dominado por macacos. Ele e os tripulantes são capturados e escravizados pelos macacos. A partir de então começa sua luta pela libertação. Ao fim, descobre que está no futuro, na terra vitimada por uma destruição atômica.

Outro exemplo da “humanização” de animais é a fábula de George Orwell, de 1945: “*A revolução dos Bichos*”. Na qual os animais de uma fazenda adquirem consciência e se rebelam contra os maus tratos e tomam o poder em busca de sua liberdade e autonomia. Mas, ao exercerem o poder se tornam cada vez mais “humanos” no pior sentido promovendo a repressão e autoritarismo ditatorial.

Fábula é um gênero literário que existe desde da antiga Grécia, um de seus criadores foi Esopo, (564 a.C.), na qual os animais falam e agem como humanos. Entre as mais conhecidas atribuídas a ele estão: *A cigarra e a Formiga*, *A raposa e as uvas*. Várias serviram de inspiração para outros escritores como Fedro e La Fontaine. Fábulas são metáforas para tecer críticas aos seres humanos em níveis éticos e morais.

A ficção está repleta de temas que relacionam humanidade e animalidade, ora reforçando as diferenças, ora integrando-as. De um modo ou de outro especulam sobre a natureza humana e sua ancestralidade animal. No entanto o ser humano adotou a diferença como a supremacia sobre os animais partir do que acredita ser a “racionalidade”, ou seja, um tipo de capacidade mental identificada como humana.

A teoria da Evolução das Espécies de Charles Darwin, publicada em 1859, atribui a natureza a função de selecionar organismos e características mais aptas à sobrevivência, portanto os mais aptos sobrevivem. Na medida em que este processo se repete milhares ou milhões de vezes, as espécies vão se configurando e se aprimorando em detrimento das que não conseguem se adaptar ao meio.



Esta ilustração mostra a representação da teoria da evolução das espécies de Darwin, mas é incorreta pelo simples fato de que Darwin nunca sugeriu que o ser humano descendesse do macaco, embora amplamente difundida como representação da teoria evolucionista é falsa.

A versão mais básica de inteligência no dicionário é a capacidade de conhecer, compreender e aprender. Tomando esta versão, não há dúvidas de que tanto animais quanto humanos detêm esta capacidade. Contudo, ao ampliar o processo para estágios mais sofisticados de processamento mental, a distância entre humanos e animais aumenta e seleciona alguns como mais “inteligentes” ou aptos do que outros.

Neste caso o conceito de inteligência se expande para outras noções como as de: lógica, abstração, memorização, compreensão, autoconhecimento, comunicação, aprendizado, controle emocional, planejamento e resolução de problemas, aqui discriminam-se animais e até pessoas que apresentam necessidades especiais, portanto, o conceito de inteligência é muito complexo.

Independente das questões conceituais, o tema escolhido para esta Reflexão trata da produção artística humana em relação ao que se considera como produção artística animal. Note-se que esta consideração não é necessariamente tratada por especialistas no contexto da Arte, mas em geral, por reportagens no contexto da mídia de comunicação usando “ganchos” ou *links* com apelos sensacionalistas.

Polêmicas sempre vendem notícias... E dizer que animais são capazes de produzir Arte sempre é motivo para um bom debate e a meu ver, boa diversão.

É bom voltar no tempo para sedimentar esta linha de raciocínio.

Nos séculos XVIII e XIX, o tema de animais artistas aparece em pinturas de Chardin (XVIII), Colleville (XIX), Deschamps (XIX), Vollon (XIX) e Von Max (XIX).

Quem sabe fossem motivados pela atração que os símios exercem sobre as pessoas pela capacidade de imitar ou sugerir características humanas: serem “quase gente”. Estes artistas realizaram pinturas em que macacos eram mostrados como pintores ou apreciadores de arte. Algo inusitado e reforçado pelo humor satírico ou como uma ironia destinada a criticar artistas imitadores e seguidores de modismos.



“*O macaco pintor*”, Jean-Baptiste Siméon Chardin, 1740.



“O macaco pintor”, Jean Baptiste Deshayes de Colleville, 1741.



“Macacos e a pintura”, Gabriel Von Max, s/d. sec. XIX



“*O macaco pintor*”,
Antoine Vollon. 1833.



“*Os especialistas*”,
Alexandre-Gabriel
Deschamps, 1837

Nos séculos XVIII e XIX, até inícios do século XX, pinturas que recorriam ao tema dos macacos pintores tinham um viés depreciativo, em geral, eram dirigido aos artistas oportunistas e que apenas imitavam outros. Os animais sempre foram tratados como recurso para a apropriação de seu corpo, sua força e habilidades para uso na alimentação, no trabalho e diversão. A ideia de adestra-los sempre esteve presente nas atividades humanas.

Adestrá-los para performances humanas passa a ser objetivo de amestradores e pesquisadores para uso ou aferição de extensões e limites da inteligência animal. O que se espera do animal adestrado é um comportamento parecido ou induzido pelo ser humano para realizar tarefas ou responder a estímulos humanos. Isto é o que acontecia em *shows* de curiosidades, espetáculos circenses e filmes.

A ideia do "macaco artista" parece ter sido instaurada por Desmond Morris, pintor e zoólogo americano que, na década de 50 do século passado, estimulou um chimpanzé a desenhar e a pintar, levando o escritor Tyler Harris a escrever um livro valorizando o processo "criativo" de Congo, o macaco pintor "descoberto" ou "amestrado" por Morris. Assim surge a polêmica dos animais artistas.

Na década de 60, Morris manteve nos EEUU num programa de televisão sobre animais e destacou a possibilidade de Congo ser capaz de produzir arte. Num dos programas, Picasso é presenteado com uma obra de Congo e, imitando o andar do macaco diz serem "irmãos de armas". Na mesma época, Salvador Dali, diz que: "A mão do chimpanzé é quase humana; a mão de Pollock é totalmente animal".



Inadvertidamente, tanto Picasso quanto Dali, por conta de suas ironias, acabaram por dar corda ao debate em curso na época. Acima uma imagem de Congo, posando para fotografias, algo típico das celebridades Pop, dada a fama que obteve como “artista”.



Aqui duas obras de Congo.

Mais tarde, surgem outras estrelas da arte simiesca, agora gorilas, é o caso de Koko e Michael, dois exemplares de pesquisa sobre inteligência animal, da Universidade de Stanford, coordenadas pelo Dr. Penny Patterson. O objetivo da pesquisa seria descobrir o nível de inteligência deles, mediante a capacidade de compreensão da linguagem humana e de símbolos como os da geometria e da matemática.

O que foi possível, caso se considere que os experimentos dependiam do treinamento intensivo dos animais, tornou-os aptos a reagir aos estímulos construídos pelo ambiente da pesquisa, o que nada mais é do que condicionamento operante. Tal procedimento também levou-os a obter sucesso na realização de performances gráficas ou pictóricas.



Hanabi-ko, apelidada de koko, era uma fêmea do gorila da planície ocidental treinada para reconhecer um grande número de sinais da linguagem gestual americana (ASL).



Acima, uma de suas abstrações. Abaixo, segundo seus treinadores, um retrato do pássaro que costumava visita-la.



Outro gorila artista que participou do mesmo projeto foi Michael. Abaixo uma de suas obras “assinada”.



Aqui, segundo seus treinadores, o retrato de seu amigo o cão Apple.

Não há dúvidas de que muitos animais são “treináveis”, portanto, induzidos a realizar feitos assemelhados aos humanos, contudo não se pode dizer que sejam capazes de realizar tais ações de modo espontâneo e volitivo como é o caso da Arte Visual. Produzir Arte requer o desenvolvimento de um raciocínio propositivo e amparado tanto no contexto estético quanto conceitual.

Outro aspecto da Arte destes animais artistas é a recorrência à abstração, ou seja, são capazes de usar um pincel para pegar a tinta e espalhá-la numa superfície, mas nada mais do que isto. Como dizia Desmond Morris, o pesquisador que trabalhou com os símios, que os trabalhos deles estavam entre o “Expressionismo abstrato lírico” e as garatujas infantis, ou seja, não eram nem um nem outra...

Há uma espécie de atração por animais que imitam o ser humano. Em 2009, uma novela escrita por Walcyr Carrasco focava a vida de um pintor acadêmico sem sucesso. Seu filho, para ajudar, toma a iniciativa de convidar a gerente de uma galeria para visitar o atelier dele. Por obra do acaso ou do “destino”, no dia da visita, o atelier é invadido por um macaco que “bagunça” suas pinturas transformando-as em abstrações.

Apesar do desespero do pintor, a visitante adora as telas e agenda uma exposição individual em sua galeria. Ele aceita, com isto aceita também a “ajuda” do símio invasor e o macaco passa a ser o autor das obras. Neste momento se instaura a crise insólita entre o artista e o macaco. Na época o autor justificou o tema dizendo que queria “desmistificar o universo das artes”, o que pareceu ser mais uma tentativa de desqualificação da Arte Moderna...

Por que desqualificação?
É simples: atribuir a um símio a capacidade de realizar obras à semelhança de um artista moderno subentende que esta tendência não depende de habilidades cognitivas, tampouco psicomotoras, ou seja, qualquer animal é capaz de realiza-las à contento já que é um monte de garatujas. Esta é uma visão conservadora que, volta e meia, se revela em comentários deste tipo.

Neste sentido, parece que a liberdade expressiva, técnica e conceitual, adotada pela Arte a partir do advento Modernista, se tornou algo passível de realização independente de saberes e fazeres que não requerem técnicas, sejam desenhos, pinturas, esculturas e outros procedimentos. O Modernismo focou a experimentação e as proposições conceituais e estéticas, mas por outro lado, possibilitou também a mistificação...

Bem, como se sabe, os animais não têm dotes ou interesses específicos para produzir Arte Visual, logo dependem de treinamento. Isto leva a um outro estágio de agressão contra eles. Há alguns anos vêm ocorrendo denúncias à respeito de maus tratos a elefantes “pintores”. Os adestradores usam de violência para inculcar medo nestes animais, desde pequenos, forçando-os a reagir a comandos na realização de imagens figurativas.

Tais comandos são, em geral, produzidos por meio da dor com uso de instrumentos pontiagudos. Deste modo eles sempre fazem as mesmas coisas, ou seja, aquilo que foram treinados para fazer. Este é um exemplo do nível de agressão que pode ser infligido a um animal para que ele “pareça artista”. Várias instituições de proteção aos animais têm denunciado tais condutas, mas o interesse na sua exploração econômica supera as denúncias.



Imagens obtidas em: ogreenplanet

Por não saberem como tais “obras” são obtidas, muitas pessoas acabam adquirindo-as e mantendo o ciclo de violência contra estes animais.

Frases como: “Até um animal faz Arte”, “até uma criança faz isto”, reforça uma concepção superficial e estimula a desinformação sobre a Arte Moderna e contemporânea. Este raciocínio não leva em conta questões conceituais e propositivas, nem as problematizações pertinentes ou motivadoras da produção artística na atualidade. A falta de informação acaba levando a este tipo de visão preconceituosa.

Por isto, quando algum tutor, cuidador ou adestrador se dispõe a “treinar” um animal para que realize performances “artísticas”, em geral no campo da abstração, acaba atraindo a atenção da mídia sensacionalista que não perde oportunidades como esta para difundir desinformação sobre a Arte ignorando o *stress* que tais animais sofrem para realizarem tarefas que não são naturais à sua espécie, instinto ou inteligência.

Por mais “engraçadinho” que seja um macaco vestido de gente borrando telas, é de se convir que não é típico de sua natureza, ou seja, no ambiente silvestre não se espera ou requer dele qualquer atividade que se pareça com isto. O interesse que move tal adestramento é o espetáculo, ou o “sucesso” de estudos científicos cuja meta não é a aprendizagem animal, mas o domínio do ser humano sobre o animal.

A notícia que iniciou este texto, segue este mesmo roteiro: adestrar um animal silvestre para realizar feitos atípicos à sua natureza. Um corvo fêmea chamada Odin, abrigada na Instituição *Tropical Butterfly House Wildlife Conservation Park*, no Reino Unido, foi adestrada para “pintar” obras que são vendidas na loja local. É óbvio que a ave não adotou esta atividade por “vontade própria” para pagar sua estada, foi induzida a isto.



Aqui se vê a ave diante de seu trabalho. Contudo, ao assistir o vídeo da instituição percebe-se a ânsia do pássaro em tomar o pincel no bico, dar algumas estocadas na tela e correr em busca de reforço. <https://youtu.be/3v3VqZv-zXw>

Ou seja, se não cumpre a tarefa, não tem recompensa. Não trabalha, não come! O que incomoda é o fato de ser uma ave abrigada e que deve ter sofrido outros percalços em sua existência e ao invés de receber apenas os cuidados para amenizar sua existência, é obrigada a realizar atos que sua índole não domina ou possui. Sabe-se que o condicionamento operante causa *stress*.

Para quem adentra um animal que não é preparado física, mental e biologicamente para comportamentos deste tipo, conseguir fazer com que ele realize algo assim, é um momento de glória que recompensa seu esforço de adestrador. Se obtiver ganhos financeiros ou distinção social com isto, melhor. No entanto, há de se convir que, para o animal, foi um processo extenuante, sem qualquer sentido.

Humanizar os animais tem sido tendência crescente. Isto vai além do simples convívio com os já domesticados há milênios como gatos e cachorros. Há uma intensificação da apropriação de animais não domesticados como pássaros, porcos, furões, lontras, capivaras e tantos outros tomados do meio ambiente, apenas para torna-los dependentes de seres humanos, desrespeitando sua índole.

Se você, como leitor deste texto, têm dúvidas dos parâmetros apontados neste texto em relação à proteção aos animais, recomendo a leitura da *Declaração Universal dos Direitos dos Animais*, apresentada por entidades ativistas de proteção aos animais à UNESCO/ONU em 1978.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Declara%C3%A7%C3%A3o_Universal_dos_Direitos_Animais

ou no Brasil:

<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/protecao-animal-no-mundo-e-no-direito-brasileiro/720735737>

talvez esclareçam os aspectos aqui apontados.

Espero que aceite a ideia de que “humanizar” animais é diferente de ter condutas humanas de proteção em relação a eles. Não é o fato de gostar, de amar, de paparicar um Pet que garante conectividade com a causa animal. Isto só revela uma opção pessoal por um ou outro animal, mas não demonstra o respeito à vida animal: *“humanizar e gostar de um Pet não é salvo-conduto para normalizar o assédio aos demais”*.

Movimentos e ideologias que condenam a produção de animais para corte ou pesquisa, como o vegetarianismo ou veganismo podem ser caminhos para libertar os animais do jugo humano. Contudo é preciso refletir à respeito da relação com os animais como um todo e não individualmente. Proteger alguns deles, por serem dependentes, “agradáveis” e “graciosos” não garante o respeito à causa animal.

É necessário desenvolver a consciência sobre a vida, o meio ambiente e a sociedade, a interligação entre estes elementos é essencial para manutenção de todos, só assim a vida sobreviverá, seja humana, animal ou vegetal. Espero que este texto tenha chamado sua atenção para questões da Arte, mas principalmente sobre os animais, independente de serem aptos ou não para fazerem Arte.